



# Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal: um estudo da fala de migrantes paraibanos em São Paulo

The use of the definite article in dialect contact: a study of the speech of *Paraibanos* in São Paulo

Shirley Guedes\*

**RESUMO:** Este trabalho se desenvolve no âmbito do quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) e busca analisar o comportamento de indivíduos que migraram de João Pessoa-PB para São Paulo-SP quanto ao uso do artigo definido diante de pronomes possessivos (por exemplo, *meu irmão* vs. *o meu irmão*). Os resultados obtidos com base na análise quantitativa, desenvolvida na plataforma R (R CORE TEAM, 2017), revelaram que a fala dos migrantes apresenta não só uma proporção de emprego do artigo mais próxima daquela do paulistano em relação à do paraibano não migrante, sinalizando acomodação dialetal, mas também que esses indivíduos adquiriram padrões mais abstratos, na forma de regras variáveis da comunidade paulistana (favorecimento e desfavorecimento do artigo definido, de modo geral, nos mesmos contextos linguísticos). Quanto às variáveis sociais, os resultados não mostraram correlações entre o uso do determinante definido com as variáveis Sexo/Gênero, Idade de migração e Tempo de permanência em

**ABSTRACT:** This work is based on the theory and methods of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008) and aims to analyze the linguistic behavior of speakers from *João Pessoa-PB* living in *São Paulo-SP* regarding the use of the definite article next to possessive pronouns (e.g., *meu irmão* vs. *o meu irmão* 'my brother'). The results from the quantitative analyses showed that the migrants' speech presented a proportion of use of the article closest to that of the *Paulistano* in relation to that of the non-migrant *Paraibano*, which indicates dialectal accommodation, and that those individuals also acquired more abstract patterns, in the form of variable rules of the host community (favoring and disfavoring of the definite article, in general, in the same linguistic contexts). The results also showed no correlation between the use of the article and the social predictors Sex/Gender, nor with the variables Age of migration and Time of permanence in *São Paulo*, but in an analysis of the individual and their social networks (MILROY, 1980) in the new community, we observe that strong ties

---

\* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. <https://orcid.org/0000-0002-6805-6874>. [shirleycgs@gmail.com](mailto:shirleycgs@gmail.com)

São Paulo, mas, em análise particular do indivíduo e de suas redes de relações (MILROY, 1987) estabelecidas na nova comunidade, verificou-se que os laços fortes de primeira ordem estão na base da acomodação dialetal e assimilação da variante paulistana pelos migrantes paraibanos.

from first-order contact are the basis of the dialectal accommodation and assimilation of the *São Paulo* linguistic variant by the migrants.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artigo Definido. Acomodação Dialetal. Migração. Sociolinguística. Redes sociais.

**KEYWORDS:** Definite Articles. Dialectal Accommodation. Migration. Sociolinguistics. Social Networks.

## 1. Introdução<sup>1</sup>

São evidentes, ao longo da extensão geográfica do Brasil, variáveis em diferentes níveis linguísticos (lexical, fonológico, morfossintático) que podem caracterizar dialetos específicos e produzir efeitos diversos de atitude sociolinguística tanto pelo falante do próprio grupo, quanto por membros de outras comunidades de fala. Na situação de migração interestadual, em que indivíduos oriundos de diferentes regiões entram em contato e utilizam de inventários linguísticos específicos, a variação dialetal pode constituir um critério de identificação da região de origem do falante e desencadear atitudes que contribuem para a conservação da variante representativa de sua região ou a adoção da variante da comunidade anfitriã.

Nesse contexto, buscou-se verificar como migrantes paraibanos, que se deslocaram do seu estado de origem para São Paulo e que residem na nova localidade há pelo menos quatro anos, comportam-se quanto ao uso do artigo definido diante de possessivos, em comparação com os usos linguísticos de paulistanos nativos e de

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de um trabalho de qualificação de área desenvolvido sob orientação da professora Livia Oushiro e apresentado ao Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp como requisito parcial exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística. Meus agradecimentos à professora Livia Oushiro pela orientação e aos professores Ronald Mendes e Emilio Pagotto pelas leituras e sugestões feitas a uma versão preliminar deste texto. Agradeço aos pareceristas anônimos pelos importantes comentários. À Secretaria da Educação do Estado da Bahia agradeço o apoio. As falhas remanescentes no texto são de minha inteira responsabilidade.

paraibanos não migrantes. Para tanto, foram analisadas amostras de fala dos *corpora* do Projeto Casadinho (HORA; NEGRÃO, 2011), do Projeto ValPB (HORA, 1993) e do Projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2012a)<sup>2</sup>.

A investigação aqui proposta fundamenta-se em pesquisas anteriores que sugerem que esse fenômeno variável pode caracterizar o dialeto da região na qual o falante adquiriu a sua primeira variedade de língua: os falantes de dialetos das regiões Norte e Nordeste tendem a fazer menos uso do artigo definido (tanto diante de antropônimos quanto diante de possessivos) do que os das regiões Sudeste e Sul do país (CALLOU; SILVA, 1997). Ao mesmo tempo, esta pesquisa se soma a empreendimentos sociolinguísticos mais recentes (ver OUSHIRO, 2016; SANTANA, 2017) que têm buscado analisar não apenas a fala de nativos de certas comunidades, mas também a fala de migrantes, que hoje compõem grande parte das populações urbanas.

Trata-se, portanto, de uma variável cuja variante com artigo (nos dois contextos anteriormente referidos) parece consistir em um fenômeno socialmente menos marcado, ou seja, aplica-se de maneira mais frequente em termos de uso em regiões urbanas do Sudeste do que a variante sem artigo, e que pode localizar regionalmente um grupo de falantes, segundo a produtividade de uso de cada variante:

- (1)
  - a. \_ minha mãe criou todos os, todos os filhos (LGP-2MC/PB)<sup>3</sup>
  - b. *a* minha mãe era fã de cinema (EthelM-3FS/SP)
  - c. *a* minha mãe teve eu e *a* minha irmã (MartaS-1FC/PBSP)
  - d. \_ minha irmã veio mais por minha causa (MartaS-1FC/PBSP)

---

<sup>2</sup> Ao longo do artigo, as amostras de paraibanos migrantes (Projeto Casadinho), paraibanos não migrantes (Projeto ValPB), e paulistanos (SP2010) serão referidas, respectivamente, como PBSP, PB e SP.

<sup>3</sup> Os exemplos apresentados neste artigo são seguidos da identificação do falante (por pseudônimo ou código), do perfil social: faixa etária (1 – PB: 15 a 25 anos, PBSP/SP: 20 a 34 anos; 2 – PB: 26 a 49 anos, PBSP/SP: 35 a 59 anos; 3 – PB: 50 anos ou mais, PBSP/SP: 60 anos ou mais), sexo/gênero (F – feminino; M – masculino) e escolaridade (C – até nível médio; S – Ensino Superior), e da amostra (migrantes paraibanos – PBSP, paraibanos não migrantes – PB e paulistanos – SP).

Considerando-se o contexto de variação do artigo definido diante de possessivos (ver ex. 1), foco deste trabalho, aventa-se como hipótese que haja uma tendência a um uso mais produtivo do artigo pelos migrantes paraibanos residentes em São Paulo do que na fala de paraibanos não migrantes, considerando as redes de relações estabelecidas por esses indivíduos um mecanismo de reforço à afiliação social por meio da língua (MILROY, 1987). Nesse sentido, são objetivos deste trabalho: (i) verificar como se comportam os migrantes paraibanos com relação ao emprego do artigo definido diante de possessivos, tendo como base comparativa as amostras de falas representativas do estado de onde se deslocaram (Paraíba) e do estado no qual residem atualmente (São Paulo); (ii) descrever, com base na análise detalhada das amostras, quais fatores levam ao uso mais produtivo do artigo definido pelos migrantes e quais variáveis estão correlacionadas à presença desse determinante no contexto analisado.

Assumindo-se que os migrantes apresentavam, antes de sua migração, proporções de uso semelhantes às dos falantes da amostra de paraibanos, os resultados obtidos mostram que, além de terem aumentado a frequência no uso do determinante definido em contextos com possessivos, eles compartilham de um conjunto de normas linguísticas com os falantes paulistanos, caracterizando um alinhamento com os padrões abstratos de variação (regras variáveis) da comunidade anfitriã para as variáveis linguísticas. Por outro lado, as análises mostram que as variáveis sociais Sexo/Gênero e Escolaridade, tradicionais nos estudos sociolinguísticos, não se mostraram significativamente correlacionadas com a variável resposta, e, de modo geral, apontam divergências quanto aos resultados indicados para a amostra de paulistanos, não refletindo, assim, a estratificação social da nova comunidade.

Tampouco se mostraram correlacionadas as variáveis particulares da amostra de migrantes: a idade de migração e o tempo de permanência em São Paulo. Entretanto, em análise das informações sobre as redes de relações estabelecidas na

cidade de São Paulo, fornecidas durante a entrevista, verificou-se que os laços fortes de primeira ordem firmados entre os migrantes e os falantes da variedade paulistana produziram um contexto mais favorável à acomodação dialetal e à assimilação do artigo definido diante de possessivos do que as outras variáveis sociais, em particular o Tempo de permanência do migrante em São Paulo.

Nessa perspectiva, o artigo se organiza da seguinte maneira: expõem-se inicialmente alguns estudos prévios sobre o determinante definido diante de possessivo; em seguida, apresentam-se os pressupostos teórico-metodológicos e os *corpora* analisados; posteriormente, são apresentados os resultados da análise de regressão logística para as variáveis linguísticas e sociais seguidas das respectivas discussões; por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados deste estudo.

## 2. Estudos prévios sobre o artigo definido diante de possessivo

Muitas pesquisas dedicadas ao estudo da variação no emprego do artigo no português, à luz de diversos enfoques teóricos, têm apresentado convergência nos resultados, que apontam para a implementação do uso do artigo definido diante de possessivos ao longo do tempo: verifica-se, no século XIII, a ausência do determinante definido nesse contexto, posteriormente passando por uma longa fase de variação até atingir um uso mais sistemático<sup>4</sup> no século XVIII ou XIX, mostrando-se mais frequente nos usos padrão e não padrão do português europeu (PE) do que do português brasileiro (PB) (ver SAID ALI, 1964; SILVA, 1982; MATTOS E SILVA, 1989; CASTRO, 2006; FLORIP, 2008; RINKE, 2010).

Estudos centrados na análise interlinguística têm associado a mudança no uso do determinante diante de sintagmas nominais possessivos ao seu estatuto categorial,

---

<sup>4</sup> Com exceção dos termos de parentesco.

propondo uma divisão tipológica das línguas: nas línguas em que os possessivos desempenham a função adjetiva (*adjective-genitive languages*), os pronomes podem, em posições argumentais, ser combinados a determinantes; e em línguas de genitivos determinantes (*determinative-genitive languages*), os próprios possessivos assumem o papel do determinante, não sendo admitida a combinação com o artigo (ver LYONS, 1985, 1986; GIORGI; LONGOBARDI, 1991; SCHOORLEMMER, 1998).

Essa proposta tipológica poderia diferenciar, então, as gramáticas do PB e do PE, uma vez que atribuem valores distintos ao Parâmetro da Possessivização (*Possessive Parameter*), ou seja, enquanto o PE apresenta possessivos adjetivais, o PB dispõe de possessivos determinantes, o que incidiria, respectivamente, na presença ou na ausência dos determinantes definidos. Contudo, Castro (2006), ao investigar a gramática do possessivo, salienta que o português é uma língua que não se comporta de acordo com a divisão tipológica proposta, mostrando que a gramática do possessivo funciona da mesma forma nas duas variedades do português, mas que as diferenças observadas entre o PE e o PB estariam fora do sistema possessivo. Para a autora, o sistema dos determinantes estaria então na base da diferença entre essas duas gramáticas, assumindo a existência de um artigo definido expletivo (semanticamente vazio), que pode ser foneticamente nulo no PB e realizado no PE.

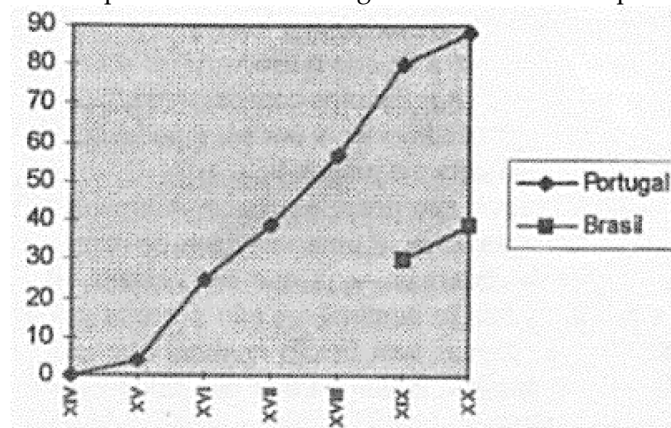
O que tem sido constatado, em análise diacrônica, é uma mudança nos padrões de uso do determinante em sintagmas nominais possessivos no português: o uso variável do artigo definido, verificado na gramática do Português Clássico, passa a ser obrigatório no PE, enquanto no PB (2) se mantém a variação junto ao possessivo, sem prejuízos na aceitabilidade da construção, o que particulariza essa última variedade do português no conjunto das línguas românicas (SILVA, 1982).

- (2) O que é que você ganha com isso na hora de vender *seu* imóvel? (...)  
Na hora de vender *o seu* imóvel entregue-o a (...) (SILVA, 1982, p. 266)

A variação verificada no PB, nesse sentido, legitima a imprecisão da definição desta como uma língua de genitivos determinantes, uma vez que há um uso mais dialetal do artigo definido nesse contexto, que necessita de investigações mais pormenorizadas para melhor compreensão da sua natureza e origem.

Callou e Silva (1997) reúnem resultados de trabalhos anteriores desenvolvidos por Silva (1982, 1996), nos quais a autora havia investigado a variação do uso do artigo definido diante de possessivos em textos escritos do PE (século XII ao XX) e do PB (século XIX ao século XX), que confirmam a implementação no emprego do artigo numa perspectiva histórica (Figura 1).

Figura 1 – Frequência de uso do artigo definido diante de possessivos.



Fonte: Silva (1982, 1996, *apud* CALLOU; SILVA, 1997, p. 14).

De acordo com Callou e Silva (1997), o emprego do artigo definido na variedade europeia, nos séculos XIX e XX, chega a alcançar números muito superiores aos do PB, que, nessa época, apresentou uma frequência correspondente ao uso em Portugal nos séculos XVI e XVII, época da colonização do Brasil; esses dados contribuem para as afirmações de estudiosos que defendem o conservadorismo do PB com relação ao PE.

Em uma perspectiva que também coloca em foco as mudanças relacionadas ao emprego do artigo definido em sintagmas nominais possessivos na história do português, Floripi (2008) argumenta que a mudança decorre do fato de que o traço de definitude associado ao pronome possessivo passou a ser realizado por meio de um

artigo. Nesse mesmo sentido, Rinke (2010) afirma que houve um processo de expansão do emprego do artigo definido originado em contextos específicos (definidos e indefinidos), passando aos contextos não-específicos (definidos e indefinidos).

Entre os pesquisadores que investigam o artigo definido no português no âmbito do quadro teórico da Sociolinguística Variacionista, são poucos os que incluem em seu escopo de pesquisa a variação diante de possessivos, centrando suas análises na variação diante de antropônimos (ver MENON, 2016; BRAGA, 2012; ALMEIDA MENDES, 2009; AMARAL, 2003; CALLOU, 2000; MENDES, 2000; MOISÉS, 1995; entre outros). Os estudos que incluem ou analisam, de maneira particular, a variação do uso do artigo definido em contextos com possessivos se desenvolvem ora de maneira localizada, levando em conta a amostra de fala de uma comunidade específica – como fizeram Campos Jr. (2011) e Nazário (2007), que analisaram, respectivamente, o português falado na cidade de Vitória - ES e na comunidade quilombola de Almeidas - GO –; ora sendo estabelecida uma análise comparativa com amostras regionais – como fizeram Callou e Silva (1997) com os dados do Projeto NURC (Norma Culta Urbana do Brasil), comparando a ausência *versus* a presença do artigo definido em capitais do Nordeste (Recife e Salvador), Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul do Brasil (Porto Alegre). Os resultados de Callou e Silva (1997), de especial interesse neste estudo, são resumidos na Tabela 1.

Tabela 1 – Emprego do artigo definido por região geográfica e por contexto.

Região	Diante de possessivos			Diante de antropônimos		
	Aplic.	%	P.R.	Aplic.	%	P.R.
Recife	59/ 98	60	.35	12/71	17	.20
Salvador	57/ 87	66	.38	10/24	32	.30
Rio de Janeiro	280/ 399	70	.54	27/85	43	.52
São Paulo	147/ 209	70	.50	20/23	87	.88
Porto Alegre	26/ 33	79	.70	50/63	79	.81

Fonte: Callou e Silva (1997, p. 21-22).



Observa-se que a grande diversidade dialetal do Brasil estende-se também a esse fenômeno, sendo salientada pelas autoras a diferença dos resultados das regiões Norte e Nordeste com relação ao Sul e Sudeste do país: enquanto o artigo definido diante de possessivos ocorre 60 % e 66 % nas capitais do Nordeste (respectivamente, Recife e Salvador), sua taxa de emprego chega a 70 % nas capitais do Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo). Esse quadro atesta, então, a natureza heterogênea e mutável bem como a variação sistemática da língua que serve a uma comunidade complexa. Cabe salientar que, se se considerar significativa a comparação do emprego do artigo definido diante de possessivo no PB dos séculos XIX e XX com a frequência de uso no PE dos séculos XVI e XVII, conforme a Figura 1 (CALLOU; SILVA, 1997, p. 14), e se observar-se que o uso do determinante nesse contexto não é categórico no PB atual, pode-se cogitar que as regiões Norte e Nordeste configuram um conservadorismo que remonta o Português Clássico, enquanto as regiões Sul e Sudeste do país tendem a utilizar a forma inovadora empregada no PE moderno. Segundo as autoras, os resultados da análise para os dados do Brasil indicaram um aumento do uso de artigos diante de possessivos, sendo as variáveis presença da preposição, função sintática, tipo de possuído, região de origem e prosódia as que mais se mostraram relevantes.

Apesar de haver pesquisas sobre o emprego do artigo definido diante de possessivos no PB, não foram localizados na literatura estudos que relacionassem essa temática à questão do contato dialetal decorrente da migração do falante de uma cidade/região a outra. É, então, o que se busca fazer nesta pesquisa.

### **3. Os pressupostos teórico-metodológico e os *corpora***

Com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), que estuda as relações estabelecidas entre língua e sociedade, compreende-se a necessidade não só da descrição e análise da estrutura linguística, mas da correlação do uso da língua com o contexto social no qual estão inseridos os falantes, levando em

conta a complexidade das sociedades e compreendendo que é no âmbito da heterogeneidade social e da diversidade dos grupos sociais que se estabelecem as variantes e os estilos coexistentes.

Nesta pesquisa, diferentemente de muitos trabalhos que investigam a mobilidade geográfica do migrante que sai do seu nicho rural em direção a um *habitat* urbano (ver BORTONI-RICARDO, 2011), investiga-se a fala do migrante urbano que se move de uma cidade socioeconomicamente menos desenvolvida, João Pessoa, para a mais populosa do continente americano, São Paulo, considerada a cidade brasileira mais influente no cenário global<sup>5</sup>.

O processo de migração, definido por Gonzales e Bastos (1974, p. 4) como a “mudança de residência de uma área socioespacial para outra motivada pelas oportunidades econômicas”, desencadeia situações de contato entre falantes de línguas/dialetos diversos, as quais levam o migrante a estabelecer novos vínculos sociais, novas redes de relações, ocasionando, assim, um ajuste em seu repertório linguístico. O paradigma das redes de relação (MILROY, 1987) estabelecidas pelos migrantes constitui, então, um instrumento analítico eficiente para o estudo da variação do fenômeno aqui analisado, evidenciando-se o migrante como um elemento em um conjunto complexo de relacionamentos humanos.

De acordo com Milroy (1987), que introduz a noção de *rede social* aos estudos sociolinguísticos, as redes de relacionamento estabelecidas pelos falantes podem “fornecer informação mais detalhada sobre o uso que os falantes fazem da variação linguística” (MILROY, 1987, p. 21). Uma rede social é, nessa perspectiva, um conjunto de vínculos de diversos tipos fixados mediante laços sociais, os quais, firmados entre um conjunto de indivíduos, podem ser discriminados em *fracos* ou *fortes*: enquanto os laços fracos são aqueles estabelecidos com menor intensidade, como, por exemplo,

---

<sup>5</sup> Conforme o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA ([repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5278/1/Comunicados\\_n115\\_Perfil.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5278/1/Comunicados_n115_Perfil.pdf))

aqueles que resultam de relações profissionais, cujo vínculo se mantém por intermédio de um setor ou de uma empresa/instituição, os laços fortes são estabelecidos, contínua e rotineiramente, de acordo com os vínculos de maior nível de proximidade, como aqueles tecidos entre parentes, amigos e vizinhos.

A configuração dos laços sociais leva à distinção de dois tipos de redes: a de primeira e a de segunda ordem. A de primeira ordem refere-se aos relacionamentos com um grau maior de intimidade, como os que se estabelecem entre membros da família e entre amigos, ao passo que a de segunda ordem é estabelecida entre indivíduos que possuem uma rotina comum e constante, mas não caracteriza relacionamentos de amizade e confiança.

Com base nos pressupostos da antropologia social que orientam a vertente explanatória dos estudos das redes sociais, busca-se compreender, nesse sentido, as “características dos vínculos das relações uns com os outros, como um meio de explicar o comportamento das pessoas ali envolvidas” (MITCHELL, 1969, p. 4, *apud* BORTONIRICARDO, 2011, p. 86). Nessa perspectiva, além de se controlar as variáveis sociais nas amostras do falante paraibano, paulistano e do migrante paraibano residente em São Paulo, característico das pesquisas sociolinguísticas quantitativas, procedeu-se a um detalhamento do perfil deste último, a fim de delinear, de modo particular, as suas redes de relações estabelecidas na cidade paulistana. Assim, com base no conjunto de informações sobre as redes de relações desses informantes, obtidas durante as entrevistas, foram mapeadas as interações (distância/proximidade) dos migrantes paraibanos, numa escala de relações bastante próximas a relações distantes com falantes que usam a variante paulistana.

A investigação que aqui se apresenta foi feita com dados de 32 indivíduos de três amostras comparáveis de fala, estratificadas de acordo com a faixa etária, o sexo/gênero e o nível de escolaridade (Quadro 1).

Quadro 1 – Amostras de fala analisadas.

Variáveis sociais			Amostras		
			PB	PBSP	SP
Faixa Etária I (15 a 34 anos)	Feminino	Até Ensino Médio	MLT	MartaS	Carolina A
		Superior	PAM	X	RaissaO
	Masculino	Até Ensino Médio	GSN	JoaoS	RobertoS
		Superior	FPMF	ArnaldoR	SérgioA
Faixa Etária II (35 a 49 anos)	Feminino	Até Ensino Médio	MJC	JosaneV	MeireC
		Superior	RTO	MicheleL	PolianaM
	Masculino	Até Ensino Médio	LGP	PedroC	AlbertoM
		Superior	RVA	MarcoJ	JoseN
Faixa Etária III (mais de 50 anos)	Feminino	Até Ensino Médio	GPS	DarleneN	EdnaC
		Superior	AAM	X	EthelM
	Masculino	Até Ensino Médio	RRB	X	FelixL
		Superior	LGP	X	GilvanS
			12	8	12

X Não há informante que se enquadre nesta configuração.

Fonte: elaborado pela autora.

Como ferramenta para a localização, as buscas e a extração dos dados, foram utilizadas as plataformas ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2013; OUSHIRO, 2014a) e R (R CORE TEAM, 2017; OUSHIRO, 2014b).

As variáveis independentes foram codificadas de modo detalhado inicialmente, mas, a fim de estabelecer comparações entre a análise do fenômeno nos *corpora* selecionados e em outras pesquisas já realizadas (em especial, a de CALLOU; SILVA, 1997) e evitar a multicolinearidade (LEVSHINA, 2015) entre as variáveis, foram feitas amalgamações que resultaram na seguinte codificação final:

Quadro 2 – Variáveis previsoras controladas na rodada da amostra PBSP.

Variáveis linguísticas	
Variáveis	Níveis
Pessoa do pronome possessivo	– 1a: meu(s), minha(s), nosso(a), nossos(as) – 2a: teu(s), tua(s), seu(s), sua(s) – 3a: seu(s), sua(s)
Número do pronome possessivo	– Plural: fui criada por <i>meus</i> avós (MartaS-1FC/PBSP) – Singular: <i>a minha</i> família lá não entende (MartaS-1FC/PBSP)
Gênero do pronome possessivo	– Feminino: a casa <i>da minha mãe</i> era bonitinha (JoaoS-1MC/PBSP) – Masculino: <i>meu pai</i> tem mais de uns quarenta (JoaoS-1MC/PBSP)
Tipo de preposição <sup>6</sup>	– Ausência de preposição no sintagma: eu ganho <i>o</i> meu salário (MartaS-1FC/PBSP) – Preposição que contrai: [a]: não pertence <i>ao</i> meu dia a dia (RobertoS-1MC/SP) [de]: separação <i>do</i> meus pais, né? (JoaoS-1MC/PBSP) [em]: <i>na</i> minha época de criança (FelixL-3MC/SP) [para]: eu disse lá <i>pro</i> meu primo (LGP-3MC/PB) [por]: <i>pela</i> minha profissão eu rodo o Brasil (PolianaM-2FS/SP) – Preposição que não contrai: [com]: falando <i>com a</i> minha prima (MartaS-1FC/PBSP) [desde]: <i>desde a</i> sua criação (FPMF-1MS/PB) [durante]: <i>durante a</i> minha permanência (MarcoJ-2MS/PBSP) [sem]: <i>sem</i> minha família sem ninguém aqui (MartaS-1FC/PBSP) [sobre]: <i>sobre a</i> minha fé (PAM-1FS/PB)
Natureza semântica do núcleo do sintagma nominal	– Parte do corpo: senti aquilo puxando a minha <i>mão</i> , sabe? (MJC-2FC/PB) – Parente: meu <i>pai</i> trabalhava numa, numa [...] (MJC-2FC/PB) – Humano não parente: a minha <i>amiga</i> passou de ano (MartaS-1FC/PBSP) – Objeto próprio: nunca dei minha <i>bolsa</i> pra ninguém (MartaS-1FC/PBSP) – Objeto não próprio: no meu <i>condomínio</i> em Vinhedo (PolianaM-2FS/SP) – Abstração não única: na minha <i>religião</i> católica não existe (RTO-2FS/PB) – Abstração única: a minha <i>prioridade</i> não é a mudança (EthelM-3FS/SP)
Função sintática do SN	– Sujeito: <i>o meu domingo</i> foi ótimo (MLT-1FC/PB) – Tópico: <i>o meu mestrado</i> eu comecei em mil novecentos (MarcoJ-2MS/PBSP) – Adjunto adverbial: estudei <i>minha vida inteira</i> no colégio (MarcoJ-2MS/PBSP) – Genetivo: vim pra casa <i>da minha cunhada</i> passei três dias (JosaneV-2FC/PBSP) – Objeto direto: eu tinha que ajudar <i>a minha mãe</i> (MicheleL-2FS/PBSP)

<sup>6</sup> Foram descartadas, nesta análise, ocorrências de pronomes possessivos em sentenças exclamativas com sentido cristalizado, tais como, "Meu Deus!", "Minha Nossa Senhora!", "Nossa!"; vocativos, por exemplo, "Meu, isso não podia ter acontecido..."; assim como foram desconsideradas as ocorrências em ambientes em que a percepção da presença do artigo se torna imprecisa, como, por exemplo, "para/praa(?) minha mãe", "com o(?) meu amigo" e contextos de crase; ocorrências com o núcleo do SN vazio, por exemplo, "a minha  $\emptyset$  já chegou" também foram descartadas. Neste estudo, as ocorrências com a preposição *a* + artigo definido masculino o/s (= ao/s) foram agrupadas à variável Preposição que contrai, enquanto nas ocorrências com a preposição *com* não foi identificado o traço [+aglutinante], sendo estas, então, adicionadas ao grupo Preposição que não contrai.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Objeto indireto: eu pa/ consegui passar isso <i>pros meus filho</i> (PedroC-2MC/PBSP)</li> <li>– Predicativo: o futebol era <i>meu esporte predileto</i> (FPMF-1MS/PB)</li> </ul>
Especificidade do núcleo do SN	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Específico: <i>meu irmão mais velho</i> controla meu pai (MLT-1FC/PB)</li> <li>– Não específico: <i>aí minha colega</i> falou assim (MicheleL-2FS/PBSP)</li> </ul>
Item lexical	(variável aleatória incluída no modelo de efeitos mistos)
<b>Variáveis sociais</b>	
Variáveis	Níveis
Faixa etária	<ul style="list-style-type: none"> <li>– 1a: 15 a 34 anos</li> <li>– 2a: 35 a 49 anos</li> <li>– 3a: mais de 50</li> </ul>
Sexo/ Gênero	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Feminino</li> <li>– Masculino</li> </ul>
Nível de escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Até Ensino Médio</li> <li>– Ensino Superior</li> </ul>
Idade de migração*	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Migrantes que chegaram com até 19 anos de idade</li> <li>– Migrantes que chegaram com 20 anos ou mais</li> </ul>
Tempo de permanência em SP*	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Migrantes que estão em SP há 10 anos ou menos</li> <li>– Migrantes que estão em SP entre 11 a 20 anos</li> <li>– Migrantes que estão em SP há 21 anos ou mais</li> </ul>
Falante	(variável aleatória incluída no modelo de efeitos mistos)

\*Variáveis específicas da amostra de migrantes

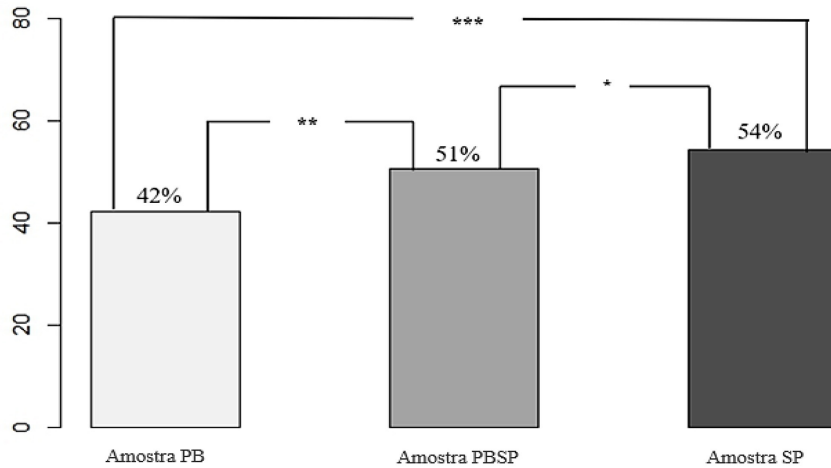
Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados apresentados e discutidos nas próximas seções foram obtidos com análises multivariadas de regressão logística, em modelos de efeitos mistos, aplicadas à variável dependente/resposta nominal binária na plataforma R (R CORE TEAM, 2017).

#### 4. Resultados e discussão

Em um primeiro momento, a investigação do comportamento da variação do artigo definido diante de possessivos nos três *corpora* (PB, PBSP e SP) indicou os resultados mostrados na Figura 2.

Figura 2 – Proporções de realização do artigo definido diante de possessivo por amostra.



+ $p > 0,05$ ; \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$

Fonte: elaborada pela autora.<sup>7</sup>

Nesses dados, observa-se que o conjunto dos migrantes paraibanos apresentaram uma proporção do emprego do determinante definido (51 %) bem próxima da dos paulistanos (54 %). Assumindo que esses migrantes apresentavam proporções de uso semelhantes às dos paraibanos não migrantes antes de se deslocarem para São Paulo (42 %), infere-se que esses falantes passaram por um processo de assimilação da variante prototípica da região Sudeste. Alicerçados nessa constatação, investigam-se quais fatores estariam favorecendo a preferência por parte desses migrantes pela variante predominante na fala dos paulistanos.

Antes de apresentar os resultados das análises multivariadas, no entanto, é necessário destacar que o controle de determinados fatores da Função sintática do SN interferiu na ortogonalidade (ver GUY; ZILLES, 2007) dessa variável com outras, gerando células não preenchidas, como na relação entre a Função sintática do SN e o

<sup>7</sup> O valor  $p$  (ou valor de significância) calcula a probabilidade de se obter determinada distribuição observada nos dados em caso de a hipótese nula ( $H_0$ ) ser verdadeira: quanto menor o valor, menor essa probabilidade. A hipótese alternativa ( $H_1$ ) afirma que “há correlação entre o emprego do artigo definido diante de possessivo e a amostra de fala”, e a  $H_0$  admite o contrário, que “não há correlação entre o emprego do artigo definido diante de possessivo e a amostra de fala”. De acordo com convenção em análises estatísticas, aqui se adotam asteriscos (\*, \*\*, \*\*\*) para sinalizar o nível de significância (respectivamente,  $p < 0,05$ ,  $p < 0,01$  e  $p < 0,001$ ) de cada contraste.

tipo de preposição, em que certos níveis da primeira variável geraram células vazias quando cotejados ao Tipo de preposição<sup>8</sup>: por exemplo, espera-se que o objeto indireto seja introduzido por preposição (p. ex., João deu um livro *ao seu irmão*), assim como não se espera que sintagmas não encabeçados por preposição ocupem essa posição sintática<sup>9</sup>.

Nesse segmento, foi necessário formular dois modelos de análise: um com a inclusão da variável Função sintática do SN (modelo A) e outro com a inclusão da variável Tipo de preposição (modelo B). Levando em conta o índice de concordância C (HOSMER; LEMESHOW, 2000, *apud* LEVSHINA, 2015, p. 259), que aponta para o poder de discriminação dos resultados, o modelo B foi considerado mais satisfatório, uma vez que nele todas as três amostras apresentaram poder excelente de discriminação dos resultados ( $0,8 < C < 0,9$ ). Assim, aqui se reportam, nas Tabelas 2 e 3 adiante, os resultados do modelo A, apenas para a variável Função sintática do SN, e do modelo B, para as demais variáveis.

Em ambas as tabelas, os valores das estimativas dos coeficientes apresentados em *log-odds* correspondem ao favorecimento (valores positivos) ou desfavorecimento (valores negativos) do fator com relação ao nível de referência da mesma variável previsora, e devem ser lidos em relação ao valor do coeficiente linear, o *intercept*. A fim de compreender os fatores que estariam favorecendo o aumento na proporção do uso do artigo na fala dos migrantes, coloca-se em foco a amostra PBSP em comparação com os resultados referentes aos *corpora* PB e SP. Das Tabelas 2 e 3, para a amostra PB, depreende-se que as variáveis Função sintática do SN, Gênero do possessivo e Tipo de preposição são variáveis notadamente correlacionadas com a presença do artigo, pois

---

<sup>8</sup> Não foram considerados, neste estudo, ocorrências com marcação diferencial de objeto (*differential object marking* – DOM), p. ex., “a professora abraça *aos seus alunos* antes das aulas”.

<sup>9</sup> Há, no português brasileiro, ocorrências de objeto indireto sem preposição (construções de objeto duplo), p. ex., “João deu *o irmão* um livro”, identificados em alguns dialetos, como o dialeto da Zona da Mata Mineira (ver SCHER, 1996), no português afro-brasileiro da Bahia (ver BAXTER; LUCCHESI, 1997).



há diferenças significativas entre um ou mais fatores e o *intercept*, enquanto as variáveis Pessoa e Número do possessivo, Natureza semântica do SN e a Especificidade do SN não apresentaram correlação com a presença do artigo.

Tabela 2 – Estimativas e valores de significância dos fatores da variável Função sintática do núcleo do SN por amostra no modelo A.

	Amostras					
	PB		PBSP		SP	
	Estimativa	Pr(> z )	Estimativa	Pr(> z )	Estimativa	Pr(> z )
<i>Intercept</i> *	0,20	+	1,63	**	3,70	***
<b>Função sintática do SN</b>						
a Genitivo	1,17	**	0,76	+	2,30	***
t Objeto direto	-1,92	***	-2,52	***	-2,94	***
o Objeto indireto	1,27	**	0,28	+	0,13	+
r Predicativo	-0,83	+	-2,28	***	-2,39	***
e Sujeito	-1,52	***	-1,43	***	-2,69	***
s Tópico	-2,13	***	-1,24	*	-2,39	***
	C = 0,81		C = 0,78		C = 0,85	

+p > 0,05; \*p < 0,05; \*\*p < 0,01; \*\*\*p < 0,001

\* O valor de *intercept* nesses dados corresponde aos valores atribuídos ao fator Adjunto adverbial.

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 3 – Estimativas e valores de significância dos fatores por amostra no modelo B.

	Amostras					
	PB		PBSP		SP	
	Estimativa	Pr(> z )	Estimativa	Pr(> z )	Estimativa	Pr(> z )
<i>Intercept</i> *	-1,38	*	-0,73	+	0,74	+
<b>Pessoa do pronome possessivo</b>						
2ª pessoa	-0,44	+	-0,87	+	0,63	+
3ª pessoa	-0,08	+	1,21	+	0,98	+
<b>Gênero do pronome possessivo</b>						
a Masculino	-0,28	+	-0,77	**	-1,00	***
<b>Número do pronome possessivo</b>						
o Singular	0,91	*	0,46	+	0,29	+
<b>Tipo de preposição</b>						
e Prep. que contrai	3,43	***	3,53	***	4,80	***
s Prep. que não contrai	0,25	+	0,92	+	2,83	***
<b>Natureza semântica do sintagma nominal</b>						
Abstração única	0,75	+	-0,12	+	0,10	+

Não parente	0,77	+	0,46	+	-0,56	+
Parente	-0,84	*	-0,35	+	-0,65	+
Objeto não próprio	-0,44	+	--	--	1,52	*
Objeto próprio	0,36	+	-0,57	+	-0,57	+
Parte do corpo	0,11	+	--	--	0,20	+
<b>Especificidade do sintagma nominal</b>						
Não específico	0,04	+	0,08	+	-0,23	+
	C = 0,846		C = 0,80		C = 0,86	

+p > 0,05; \*p < 0,05; \*\*p < 0,01; \*\*\*p < 0,001

\* O *intercept* nesses dados corresponde aos fatores: 1ª pessoa do possessivo; Gênero feminino do possessivo; Possessivo plural; Ausência de preposição no SN; Abstração não única da variável Natureza semântica; e Específico.

Fonte: elaborada pela autora.

Na sequência, são detalhados os resultados das variáveis linguísticas correlacionadas com o uso do artigo definido.

#### 4.1 Variáveis linguísticas correlacionadas com o uso do artigo definido

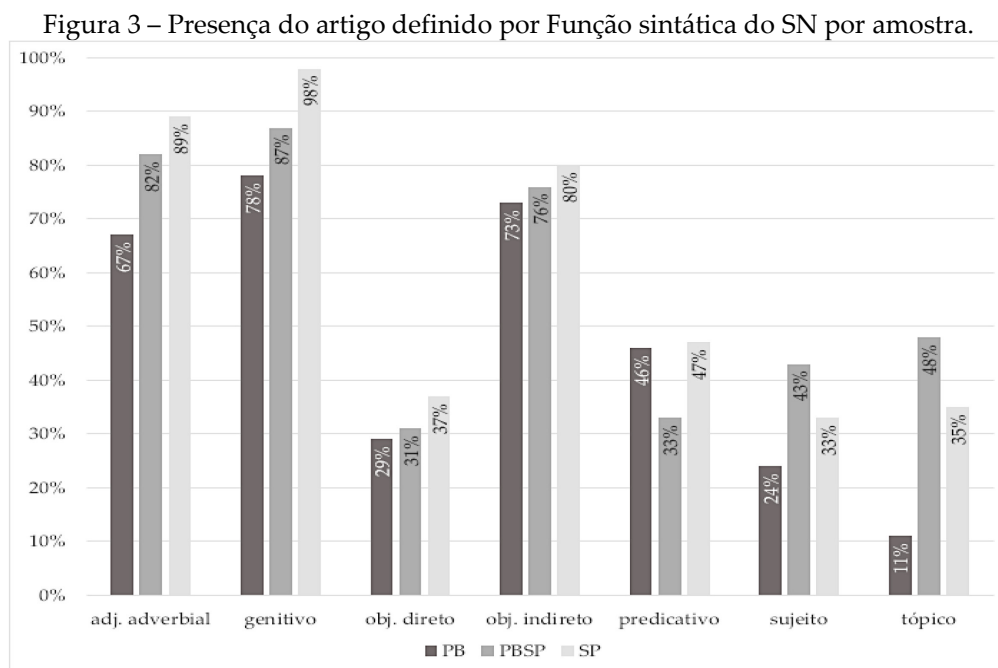
De acordo com os dados da Tabela 2, para a fala dos migrantes paraibanos, verifica-se que as estimativas para a variável Função sintática do SN indicam os seguintes fatores como favorecedores do emprego do artigo definido com relação ao valor de referência (*intercept*) Adjunto adverbial (3a): o Genitivo (3b) e Objeto indireto (3c):

- (3) a. por exemplo *no meu tempo* já era um castigo (AAM-3FS/PB)
- b. eu tenho ficado muito na casa *do meu namorado* (CarolinaA-1FC/SP)
- c. eu gosto mais *do meu bairro* do que da cidade (SergioA-1MS/SP)

Essas funções são introduzidas por preposições, o que pode estar relacionado com o fato de terem apresentado valores de estimativa positivos (Adjunto adverbial: *log-odds* 1,63; Genitivo: *log-odds* 0,76; Objeto indireto: *log-odds* 0,28), mostrando-se correlacionadas com o uso do artigo. Em contrapartida, as funções sintáticas que não são introduzidas por preposições apresentaram coeficientes negativos, indicando terem menor probabilidade de ser acompanhadas pelo determinante definido: objeto

direto (*log-odds* -2,52), predicativo (*log-odds* -2,28), sujeito (*log-odds* -1,43) e tópico (*log-odds* -1,24).

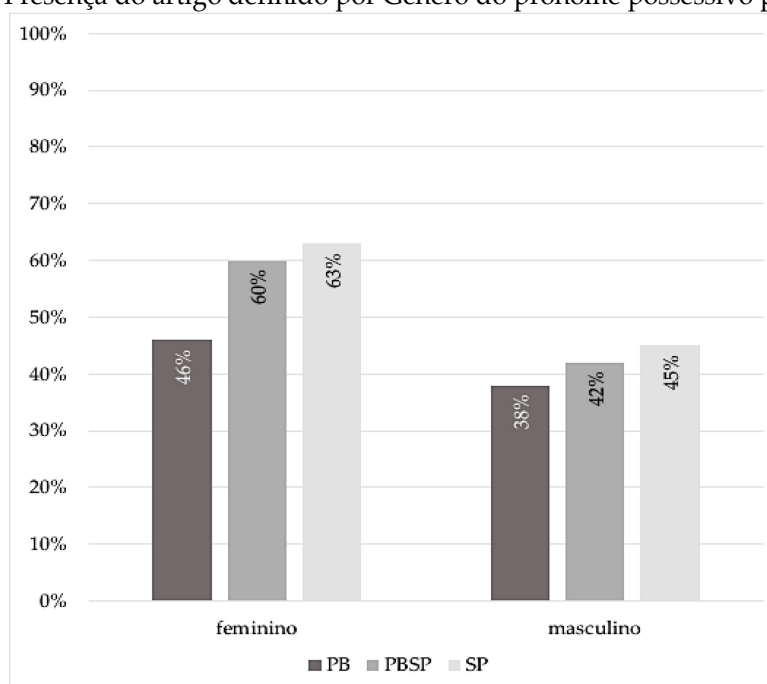
A Figura 3 mostra as proporções do emprego do artigo definido por função sintática e por amostra, e indica que o padrão observado para a amostra PB – favorecimento do artigo em funções sintáticas introduzidas por preposições e desfavorecimento em sintagmas não preposicionados – é bastante semelhante nas demais amostras.



Fonte: elaborada pela autora.

Para a variável Gênero do pronome possessivo, observa-se, em termos percentuais, uma preferência no uso do artigo em sintagmas femininos nas três amostras analisadas, como pode ser visualizado na Figura 4.

Figura 4 – Presença do artigo definido por Gênero do pronome possessivo por amostra.



Fonte: elaborada pela autora.

Contudo, os resultados das análises de regressão logística (Tabela 3) indicam que tal diferença entre sintagmas femininos e masculinos é significativa apenas para as amostras PBSP e SP. Na amostra de migrantes, o Possessivo masculino (*log-odds* 0,77,  $p < 0,01$ ) desfavorece o emprego do artigo definido, assim como na amostra SP (*log-odds* -1,00,  $p < 0,001$ ), diferentemente do que ocorre na fala de paraibanos nativos (*log-odds* -0,28,  $p > 0,05$ )<sup>10</sup>. Nesse sentido, no que concerne a essa variável, há um alinhamento dos migrantes com os padrões da fala da nova comunidade, como nos exemplos em (4).

- (4) a. que *a minha irmã* casou com um um mineiro né? (MartaS-1FC/PBSP)  
 b. cada um tem *a sua responsabilidade* assim não fica só (SergioA-1MS/SP)

<sup>10</sup> As particularidades apontadas para as amostras PB e SP não foram melhor detalhadas devido ao foco da discussão deste trabalho – a amostra PBSP.

Quanto à variável Tipo de preposição, as estimativas dos coeficientes e os valores de significância (Tabela 3) indicam que, para os migrantes paraibanos, favorece a presença do artigo definido o fator Preposição que contrai (*log-odds* 3,53,  $p < 0,001$ ), ao passo que a Preposição que não contrai desfavorece o emprego do artigo definido (*log-odds* 0,92,  $p > 0,05$ ).

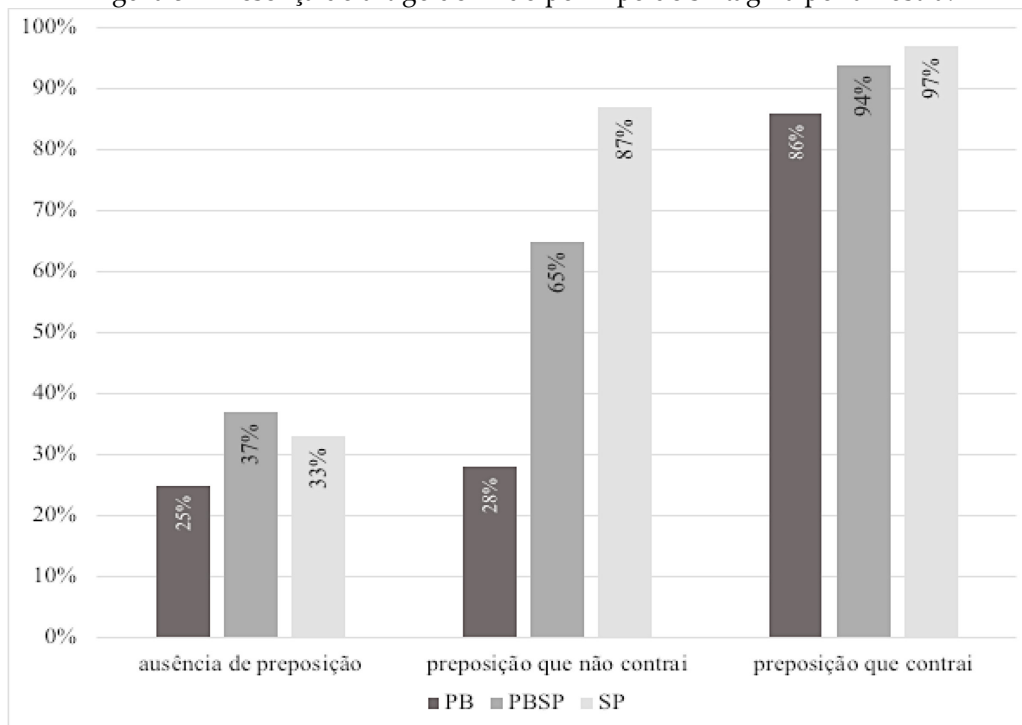
De acordo com a literatura, a preposição parece estar na base do aumento na produtividade do emprego do determinante registrado no português ao longo do tempo (FLORIP, 2008); no Brasil, a preposição que sofre contração com o artigo é o fator que tem mais favorecido o uso do determinante definido (CALLOU; SILVA, 1997), como mostram os exemplos em (5).

- (5) a. [a]: concomitantemente *ao* meu mestrado (PedroC-2MC/PBSP)  
 b. [de]: por causa da da/ da família *da* minha namorada (ArnaldoR-1MS/PBSP)  
 c. [em]: mas assim já *na* minha geração não (MicheleL-2FS/PBSP)  
 d. [para]: essas coisa tem que ir legendando *pro* meus filho (PedroC-2MC/PBSP)  
 e. [por]: eu não fui criada *pelos* meus pais (MartaS-1FC/PBSP)

Em comparação com as outras amostras (Figura 5), os resultados mostraram-se semelhantes na hierarquia, mas não são idênticos. Para paraibanos não migrantes, a Preposição que contrai favorece amplamente o emprego do artigo definido (*log-odds* 3,43,  $p < 0,001$ ), enquanto a Preposição que não contrai (*log-odds* 0,25,  $p > 0,05$ ) se comporta de modo semelhante à ausência de preposição. Para os paulistanos nativos, diferentemente, a Preposição que contrai (*log-odds* 4,8,  $p < 0,001$ ) e a Preposição que não contrai (*log-odds* 2,83,  $p < 0,001$ ) têm proporções mais próximas de emprego do artigo (respectivamente 97 % e 87 %), e ambas são significativamente diferentes do contexto em que não há preposição. A diferença entre paraibanos não migrantes e paulistanos, portanto, reside no comportamento de sintagmas com preposições que não contraem, que se assemelham a sintagmas sem preposição entre os primeiros e a sintagmas com

preposições que contraem entre os segundos. É interessante notar que, entre os migrantes paraibanos, a proporção de emprego de artigo definido em sintagmas com preposição que não contrai parece se encontrar num ponto intermediário, acima daquele para paraibanos não migrantes e abaixo daquele para paulistanos (ver Figura 5).

Figura 5 – Presença do artigo definido por Tipo de sintagma por amostra.



Fonte: elaborada pela autora.

De modo geral, os resultados revelam que os migrantes parecem ter assimilado a variante paulistana, o que pode ser verificado nas proporções do emprego do artigo, supondo que, antes de migrarem, sua proporção de uso se igualava à da amostra dos paraibanos não migrantes. Além disso, os resultados sugerem que os migrantes paraibanos adotaram padrão semelhante ou idêntico ao dos paulistanos, tanto quando uma variável se mostra significativamente correlacionada (como o gênero do possessivo), quanto em variáveis que se mostram não correlacionadas (como a

natureza semântica do sintagma nominal e o número do possessivo), revelando a aquisição dos padrões mais abstratos, na forma de regras variáveis dessa comunidade.

#### 4.2 Variáveis sociais

A variável Faixa etária não foi incluída no modelo multivariado devido ao fato de não apresentar ortogonalidade com as variáveis Escolaridade e Gênero. Tampouco se incluiu a variável Tempo de permanência em São Paulo, que apresentou multicolinearidade com a variável Escolaridade (diagnosticada com base no fator de inflação da variância:  $VIF > 10$ ; LEVSHINA, 2015). Tempo de permanência, portanto, foi analisada separadamente. Diante dos resultados reunidos na Tabela 4, percebe-se que nenhuma das variáveis sociais controladas mostrou-se correlacionada com o uso do artigo definido na amostra PBSP.

Tabela 4 – Estimativas e valores de significância dos fatores por amostra no modelo B.

	Amostras						
	PB		PBSP		SP		
	Estimativa <i>a</i>	$Pr(> z )$ )	Estimativa <i>a</i>	$Pr(> z )$ )	Estimativa	$Pr(> z )$ )	
F	<i>Intercept*</i>	-1,38	*	-0,73	+	0,74	+
a	<b>Sexo/Gênero do informante</b>						
t	Masculino	0,14	+	0,67	+	-0,92	*
o	<b>Nível de escolaridade do falante</b>						
r	Nível superior	-0,31	+	0,89	+	-0,51	+
e	<b>Idade de migração</b>						
s	Mais de 20 anos	NA	NA	-0,10	+	NA	NA

\*O *intercept* corresponde aos fatores: Gênero feminino; Nível médio de escolaridade; Migrou com até 19 anos.

+ $p > 0,05$ ; \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$

Fonte: elaborada pela autora.

Verificou-se, fundamentado nisso, que os migrantes paraibanos parecem não reproduzir a estratificação social quanto ao Sexo/Gênero que se observa na comunidade paulistana (sexo/gênero masculino: *log-odds* -0,92,  $p < 0,05$ ), mas mantêm o mesmo padrão da comunidade de origem. Isso implica dizer que, embora esses

indivíduos tenham adquirido as regras dos paulistanos quanto às variáveis linguísticas, no que concerne a essa variável social, não refletem o mesmo padrão.

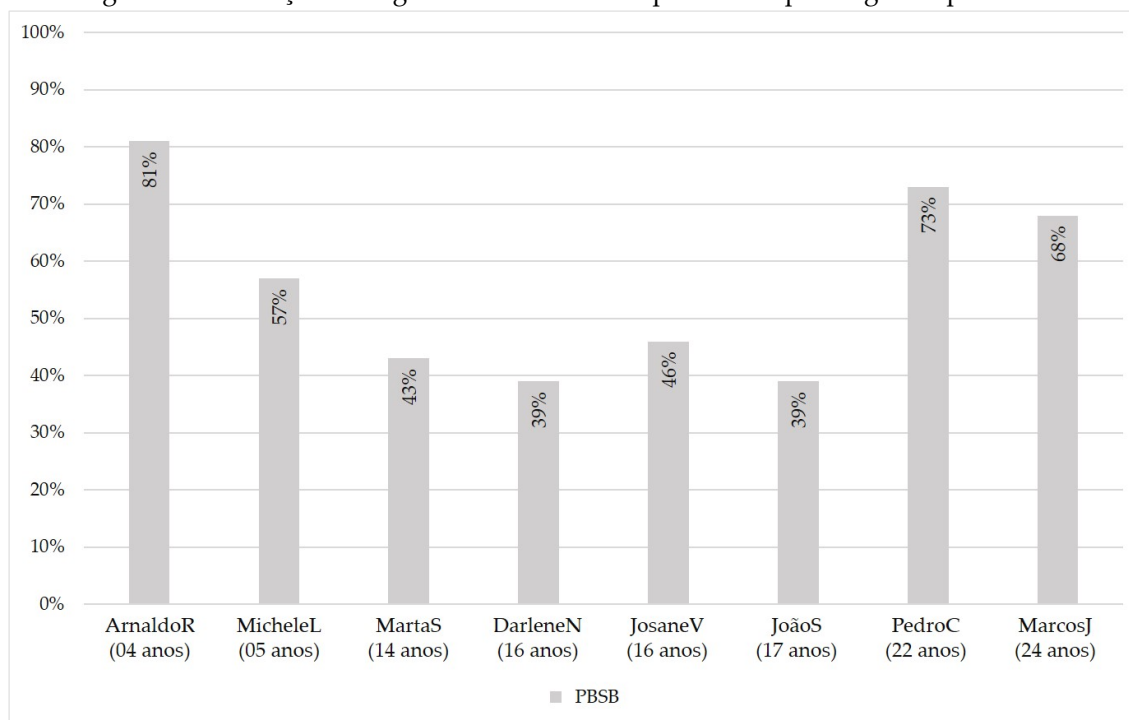
Esperava-se que a idade com a qual o migrante chegou em São Paulo estivesse correlacionada com o emprego da variável paulistana – quanto mais cedo chega, maior tendência ao emprego do artigo –, mas isso não foi verificado nos resultados. Também no que se refere às variáveis específicas da amostra de migrantes, esperava-se que a previsora Tempo de permanência em São Paulo tivesse uma maior influência na assimilação e na acomodação da realização do artigo definido pelos migrantes, conforme a literatura postula: quanto maior o tempo de exposição ao dialeto alvo, maior a probabilidade de acomodação à nova variedade (MARQUES, 2006). Contrariando essa relação tempo de permanência-assimilação linguística, os resultados (Figura 6) mostram que os migrantes com menos tempo em São Paulo (menos de 10 anos) apresentaram maior proporção de uso da variante da comunidade anfitriã, juntamente com aqueles que estão aqui há mais tempo (há mais de 20 anos); os falantes com tempo de residência intermediário (entre 10 e 20 anos) são os que menos empregam o artigo definido.

Constatou-se, então, alicerçado nesses dados, uma relação não linear entre o tempo de exposição e a assimilação da variante paulistana. De acordo com Marques (2006, p. 146), que estuda as vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal, o intervalo de dez anos seria o espaço de tempo suficiente para se perceber uma considerável acomodação dialetal por migrantes inter-regionais, sendo motivada, principalmente, pela avaliação negativa dos falantes da comunidade anfitriã.

De acordo com a proposta da influência do tempo de exposição na acomodação dialetal, pode-se verificar na Figura 6 que, se desconsiderados os falantes que têm menos de dez anos de residência em São Paulo, há uma tendência crescente no uso do artigo definido governado pelo tempo de exposição: quanto mais tempo em contato com a variante paulistana, mais o falante se acomodou.



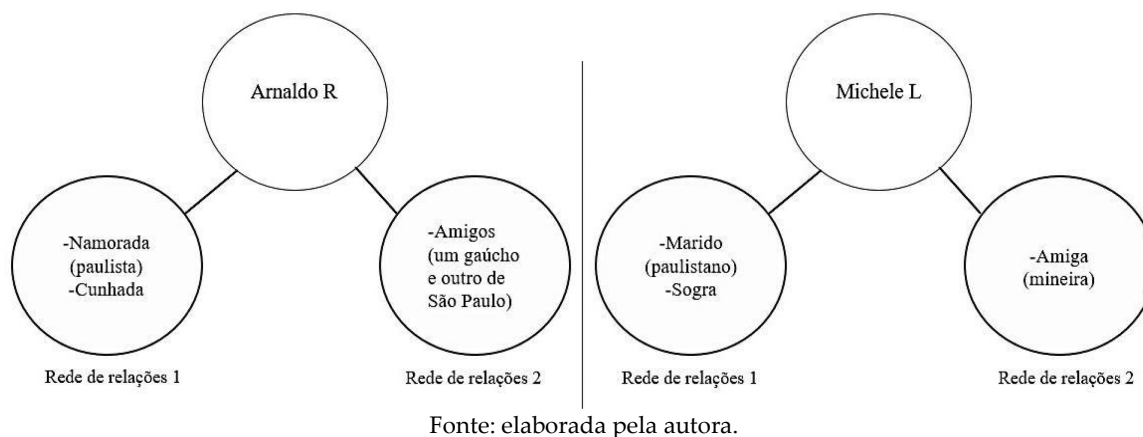
Figura 6 – Presença do artigo definido diante de possessivo por migrante paraibano.



Fonte: elaborada pela autora.

Entretanto, observa-se que a fuga do padrão incide nos falantes ArnaldoR e MicheleL, que estão, respectivamente, há quatro e cinco anos em São Paulo e apresentam proporções de uso do determinante diante de possessivo maiores do que os migrantes que estão na nova comunidade há quase 20 anos; ou seja, os falantes ArnaldoR e MicheleL convergiram da variante pessoense à variante paulistana em menos tempo de permanência na comunidade paulistana, em comparação aos demais migrantes.

Com base no mapeamento das redes de relações dos migrantes paraibanos, configurado conforme as informações obtidas durante a entrevista, observou-se que tanto ArnaldoR, que emprega o artigo em 81 % das ocorrências, quanto MicheleL, que usa o determinante em 57 % das construções analisadas, possuem contato *bastante próximo e constante* com paulistanos e com outros falantes das regiões Sudeste e Sul em sua rede social, constituindo, assim, laços fortes com esses falantes (Figura 7).

Figura 7 – Rede de relações dos falantes ArnaldoR e MicheleL<sup>11</sup>.

Por outro lado, os migrantes que estão em São Paulo há até 20 anos (Quadro 2), e apresentaram proporções de uso mais baixas (Figura 6), não participam de redes sociais com a mesma configuração, pois convivem basicamente com a família paraibana com a qual migraram e mantêm um contato intenso. Com efeito, observa-se que a proporção no emprego do determinante por falantes com até 20 anos em São Paulo permaneceu na mesma média da dos paraibanos não migrantes (ver Figura 2).

Quanto aos falantes que estão em São Paulo há 21 anos ou mais, PedroC e MarcoJ, as informações acerca do contato com paraibanos (Quadro 2) mostram que o tempo de permanência na comunidade anfitriã foi fundamental para a ampliação das redes sociais estabelecidas com paulistanos com relação ao contato mais familiar no período de chegada na nova cidade e, conseqüentemente, do acesso à variante paulistana. As proporções elevadas no uso dessa variante, nesse sentido, podem ser resultantes da confluência de dois motivos: da rede de relação que estabeleceram na nova comunidade e do tempo de exposição ao dialeto paulistano.

<sup>11</sup> Dados coletados pelas entrevistas.

Quadro 3 – Redes de relações dos falantes que estão há mais de 10 anos em São Paulo.

<b>Migrante</b>	<b>Rede de relações</b>
MartaS	- marido, irmã gêmea e primos conterrâneos
DarleneN	- grande parte da família paraibana que também migrou para São Paulo
JosaneV	- marido que também é paraibano
JoaoS	- maior parte da família mora em São Paulo, mãe e irmãos paraibanos
PedroC	- metade da família paterna e materna também migrou para São Paulo
MarcoJ	- não menciona participantes da rede de relação em São Paulo, apenas refere-se a uma irmã que mora em Recife

Fonte: elaborada pela autora.

De outro modo, as informações sobre as redes sociais dos informantes ArnaldoR e MicheleL, cujas proporções no uso da variante paulistana suplantaram às dos demais falantes com média de tempo superior em São Paulo, mostram que esses migrantes possuem proximidade e contato constantes com paulistanos e com indivíduos que, presumivelmente, empregam em alta proporção o determinante definido em contexto possessivo, assumindo que esses possuem um uso semelhante ao dos falantes da amostra SP. É possível depreender, então, que essa relação mais próxima, caracterizada como um laço de primeira ordem, seja um mecanismo de reforço para a elevação na taxa de realização da variante paulistana pelos migrantes estudados.

Inferese, nesse sentido, que a convivência diária dos migrantes com os indivíduos integrantes dessas redes possa ter levado-os a adquirir as normas linguísticas locais em detrimento do padrão da sua região de origem. Os laços fortes de primeira ordem, nessa perspectiva, parecem ser um reforço no uso dessa variante e ter uma maior relevância nesse caso de estudo de fala de migrantes do que as demais variáveis sociais, notadamente, com relação ao tempo de permanência do indivíduo em São Paulo.

## 5. Considerações finais

Com este estudo, pode-se observar que a polarização regional Nordeste *versus* Sudeste do país quanto ao emprego do artigo definido diante de possessivo segue os mesmos resultados obtidos por Callou e Silva (1997) com os dados do Projeto NURC, o que, embora não seja o foco principal deste trabalho, traz novas evidências de que a variável estudada é indicadora da região dialetal de origem do indivíduo. Nesse contexto, analisou-se como o migrante que se desloca de João Pessoa, no Nordeste, em direção a São Paulo, no Sudeste, se comporta diante da variante paulistana [+artigo definido], verificando-se, de acordo com dados estatísticos, que houve um aumento considerável na produtividade do determinante no contexto estudado, o que aproxima, em proporção, a fala do migrante paraibano (51 %) à dos paulistanos (54 %), e a distancia da fala da sua região de origem (42 %).

Os resultados estatísticos mostram que os migrantes paraibanos alinham-se mais com os paulistanos do que com os paraibanos no que diz respeito aos padrões abstratos de variação (regras variáveis) para as variáveis linguísticas, o que pode ser constatado observando-se tanto quando uma variável apresenta correlação significativa com a variável resposta, como o Gênero do possessivo, quanto nos casos em que a variável não se mostrou correlacionada, como, o Número do possessivo.

No que concerne às variáveis extralinguísticas “tradicionais” (Sexo/Gênero e Escolaridade), os resultados indicaram que essas não se mostraram significativamente correlacionadas com a variável resposta: enquanto na amostra de paulistanos há correlação com a variável Sexo/Gênero, na amostra de fala dos migrantes paraibanos essa variável previsora não se mostrou significativa. Esses resultados levam a entender que, se por um lado, os migrantes parecem ter se acomodado aos padrões da comunidade paulistana quanto às variáveis linguísticas, por outro, não refletem a estratificação social da comunidade anfitriã. A acomodação da fala dos migrantes no que tange à variável em foco se dá, nesse sentido, de maneira complexa.

Com relação aos resultados das variáveis específicas à amostra de migrantes, nem Idade de migração nem Tempo de permanência em São Paulo apontou para o padrão esperado: os falantes que migraram com menos idade e os que têm mais tempo de permanência em São Paulo seriam, possivelmente, os que mais estariam usando a variante paulistana em seu repertório linguístico, o que não se constatou empiricamente. A análise do indivíduo e de suas redes de relações estabelecidas em terras paulistanas, entretanto, permite algumas considerações ulteriores no sentido de entender esses padrões.

Verificou-se, então, que os laços fortes de primeira ordem, ou seja, aqueles que são estabelecidos contínua e rotineiramente, fundamentados em vínculos de maior nível de proximidade e intimidade entre migrantes e falantes da variante paulistana produziram um contexto favorável à convergência dialetal, mostrando ter maior relevância na assimilação do artigo definido diante de possessivos do que as variáveis sociais, notadamente, a variável Tempo de permanência do migrante em São Paulo. Nesse sentido, pode-se inferir também, com base neste estudo, que a hipótese que vincula a acomodação linguística ao tempo de exposição do falante à determinada variante não pode ser generalizada, mas depende da natureza de cada fenômeno investigado: diferentes variáveis passam por diferentes processos de acomodação; o que está na base desses processos é o que está para ser estudado.

### Referências Bibliográficas

BAXTER, A.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *In: Estudos linguísticos e literários*, n. 19. Salvador: UFBA. p. 65-83

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.

CALLOU, D. **A variação no português do Brasil: o uso do artigo definido diante de antropônimos**. (Série Conferências). Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

CALLOU, D.; SILVA, G. O uso do artigo definido em contextos específicos. *In*: HORA, D. (org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997, p. 11-26.

CASTRO, A. **On Possessives in Portuguese**. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Nova de Lisboa, FCSH/Université Paris 8, 2006.

FLORIPI, S. **Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português**. 2008. 271 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2008.

GIORGI, A.; LONGOBARDI, G. **The syntax of noun phrases: configurations, parameters and empty categories**. Cambridge University Press, 1991.

GONZALES, E. N.; BASTOS, M. I. **Migração rural e o trabalho volante na agricultura brasileira**. Fundação Universidade de Brasília, 1974.

GUY, R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. **ELAN: Linguistic Annotator**. Versão 4.4.0. 2013. Disponível em: [mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf](http://mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf). Acesso em: 21 fev. 2017.

HORA, D. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB**. João Pessoa: DLCV/UFPB, 1993. Disponível em: [valpb.com.br](http://valpb.com.br). Acesso em: 15 jan. 2017.

HORA, D.; NEGRÃO, E. (ed.) **Estudos da linguagem: casamento entre temas e perspectivas**. João Pessoa: Ideia, 2011.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEVSHINA, N. **How to do linguistics with R: Data exploration and statistical analysis**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015. DOI <https://doi.org/10.1075/z.195>

MARQUES, S. M. O. **As vogais medias pretônicas em situação de contato dialetal**. 2006. 162 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

MATTOS e SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: IN.CM, 1989.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. **SP2010**: construção de uma amostra de fala paulistana. 2012a. Projeto de Pesquisa (FAPESP processo 2011/09278-6). Disponível em: [projetosp2010.fflch.usp.br](http://projetosp2010.fflch.usp.br). Acesso em: 11 jan. 2017.

MOISÉS, J. A. **Os brasileiros e a democracia**. São Paulo: Ática. 1995.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Basil Blackwell, 2. ed., 1987 [1980].

OUSHIRO, L. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o ELAN. In: FREITAG, R. M. (org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blücher, 2014a. Disponível em: [openaccess.blucher.com.br/download-pdf/270/18959](http://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/270/18959). Acesso em: 13 jan. 2017. DOI <https://doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-9cap>

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: FREITAG, R. M. (org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blücher, 2014b. Disponível em: [openaccess.blucher.com.br/download-pdf/270/18960](http://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/270/18960). Acesso em: 13 jan. 2017. DOI <https://doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-10cap>

OUSHIRO, L. **Projeto Processos de acomodação dialetal na fala de nordestinos residentes em São Paulo**. 2016. Projeto de Pesquisa (FAPESP processo 2016/04960-7).

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2017. Disponível em: [r-project.org](http://r-project.org). Acesso em: 25 mar. 2017.

RINKE, E. A combinação do artigo definido e pronome possessivo na história do português. **Estudos linguísticos**. p. 121-139. 2010. Disponível em: [usc.es/revistas/index.php/elg/article/viewFile/1511/1381](http://usc.es/revistas/index.php/elg/article/viewFile/1511/1381). Acesso em: 15 jun. 2017.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Campina Grande: Editora Melhoramentos, 1964.

SANTANA, A. L. **As vogais médias pretônicas na fala de sergipanos em São Paulo**. Relatório de qualificação de mestrado, FFLCH/USP, 2017.

SILVA, G. M. de O. **Estudo da Regularidade na Variação dos Possessivos no Português do Rio de Janeiro**. 1982. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 1982.

SILVA, G. M. de O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. *In*: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 119-145.

SCHER, A. P. **As construções dos dois complementos no inglês e no português do Brasil**: um estudo sintático comparativo. Campinas, SP: [s.n.], 1996.

SCHOOORLEMER, M. Possessors, articles and definiteness. *In*: **Possessors, predicates and movement in the determiner phrase**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1998. p. 55-86. DOI <https://doi.org/10.1075/la.22.04sch>

Artigo recebido em: 02.02.2019

Artigo aprovado em: 31.05.2019